



Animaes da Africa Central

Ao fitar os olhos n'este curioso quadro, no qual muito engenhosamente vemos agrupados muitos dos animaes ferozes da Africa Central, como que nos sentimos possuidos de um certo terror. Apodera-se do espectador um sentimento penoso, ao contemplar tantos e tão perigosos inimigos do homem, taes como leões, tigres, ursos, serpentes, crocodilos, hypopothamos.

Felizmente vemos tambem caminhando ao longe uma comprida cafila de camelos, e como que ficamos aliviados, ao considerar que os habitantes d'aquella parte da Africa tẽem tambem á sua disposição e ao seu serviço, prestadios animaes, que a Providencia lhes concedeu benigna e generosa.

A paizagem que temos em perspectiva offerece um agradável entretenimento aos olhos, pela variedade dos objectos que apresenta nos tres reinos da natureza. Arvores de elegante porte; a vegetação das bordas dos rios; os accidentes do terreno; as singelas, mas não desengraçadas habitações dos pretos... communicam um grande realce ao quadro, e dão um tal ou qual descanso ao espirito, que se perturbára de principio. Não desagrada tambem o attentar na destimidez dos homens d'aquella região. Vivem descuidosos e sem susto no meio de terriveis animaes, que a toda a hora pôdem accommetel-os e fazel-os pedacos.

Fallando da Africa Central, diz um distincto escriptor, M. H. Blerzy, que offerece ella um quadro muito differente d'aquelle que, não ha ainda muitos annos, se imaginava. Em vez de areas e desertos, que a tradição pintava, é hoje ponto averiguado que a vida se manifesta ali por meio de especies as mais vivazes e as mais raras. Como vegetação, o paiz torna-se esplendido desde que se transpõem os areas da Ethiópia. Acima de Kartoum, o Nilo parece correr pelo meio de uma planicie immensa; o valle não tem limites apparentes. As suas margens como que se escondem por detraz de espessas matas, que a menor enchente converte em pantanos. A acacia, o ébano, o mimosa desenvolvem-se ali com toda a liberdade; diversas especies de palmeiras ostentam a sua elegante folha-

gem; o baobab, esse rei dos vegetaes do continente africano, começa já a apparecer. A herva dos prados chega a attingir uma altura incomparavel; as canas dos pantanos são gigantes. O reino animal não está menos bem representado. Todos os animaes dos paizes quentes prosperam n'esta terra fecunda e rica: o hypopótamo e o crocodilo nos pantanos, o leão, a girafa, a rinoceante no sólo secco, os reptis por baixo daservas altas, os mosquitos no ar. Os elefantes vivem em numerosos rebanhos.

Quizemos dar estas curiosas noticias de uma região, que não tardará em ser cuidadosamente explorada pelos filhos da civilisação européa.

## O AMOR PLATONICO

(Continuado de pag. 115)

Nos principios geraes da philosophia e da moral merece pois o cognome de divino o fundador da Academia; mas nas applicações e na pratica como fica inferior a si mesmo!

O espirito, que se elevava altaneiro e pairava por sobre toda a humanidade, guiando-a e mostrando-lhe o caminho, como um luzeiro brilhante, cae em terra, tropeça a cada passo, hesita, engana-se, tucteia debalde em redor para encontrar a boa senda, e desnorteado, perdido o rumo, escorrega no tremedal, e não sabe proclamar a liberdade humana e o arbitrio livre da creatura.

Arrecciar-se-hia da cecuta, com que os trinta da Lacedemonia, calaram a grande voz do virtuoso Socrates? A sua alma poetica e timida retrair-se-hia com as ameaças, que davam nova força e energia á singela eloquencia do mestre?

Quem sabe? Platão e Socrates não foram allumiados pela inspiração divina do Nazareno; nos seus preceitos, ainda os mais elevados, ressumbra o gentilismo, e a unidade de Deus não foi assás poderosa para os conduzir ao estabelecimento do immudavel e indiscutivel dogma social e moral — a liberdade do homem no pensamento e na consciencia, em todos os estados e condições. Da liberdade nascem os attributos, que ca-

characterisam o homem moral. Da egualdade provém as qualidades, que distinguem o homem social. A fraternidade, enfim, conduz ao amor da humanidade, ao sentimento da familia humana, á caridade christã, a esse anseio de cada um pelo bem de todos, a essa solidariedade de affectos e paixões, a esse laço amavel, dulcissimo, sacralissimo, que faz do bom uma religião, cujos sacerdotes são os homens.

Comprehendeu isto o grande philosopho da Grecia?

Ha porventura alguns vislumbres sequer d'esta doutrina puramente christã nos *Dialogos* de Platão e nas obras dos seus discipulos?

Não.

Partindo da idéa da divindade una, como de um principio dogmatico e inabalavel, assentou as doutrinas do socialismo spartano modificadas, ou antes dulcificadas pelo seu entendimento clarissimo e bemfazejo.

A liberdade desconhece-a, a egualdade posterga-a, a fraternidade substitue-a pelo amor, que, quando muito, póde conduzir á virtude infertil.

O grande erro da philosophia antiga foi a absorpeção do homem na divindade e nas grandes idéas, que se traduziam em justiça, ordem e moral. D'ahi o caracter inflexivel, que na civilização romana attingiu o maximo, e que na antiguidade, em todas as religiões e sociedades, obrigava o homem, cidadão ou escravo, a sacrificar-se pela patria.

Platão foi do seu tempo, apesar de ser o primeiro.

A sciencia convinha que não fosse divulgada.

A escravidão é uma necessidade absoluta, indeclinavel, ou antes, um preceito da natureza.

Ha homens que nasceram com o caracteristico da escravidão, como quem diz, os homens dividem-se em duas grandes classes ou cathogorias: livres e escravos, não por um arbitrio social, e por isso transitorio; não por uma determinação tão sómente legal, mas pelo direito natural, por uma lei d'esse codigo eterno, que rege os movimentos de toda a creação.

Na applicação d'este absurdo e desnaturado principio cáe o philosopho em maiores ruindades, e a sua legislação ácerca dos escravos é indigna.

Assim é que se um cidadão mata um escravo, basta-lhe purificar-se, para se redimir da culpa; se o escravo é de outro cidadão, deve pagar-lhe um valor duplo; se o escravo mata o senhor, todos os tormentos são poucos para expiar tão horrendo crime; e se um escravo mata outro cumpre que morra sob o látigo. (1)

Platão não comprehendeu a divina missão da mulher, como nucleo e centro da religião domestica.

A esposa e os filhos não tem personalidade distincta; são ao mesmo tempo um patrimonio e um encargo, e por isso inalienavel propriedade do homem.

(1) Esta religião barbara, que infelizmente, e para vergonha eterna do nosso seculo, ainda tem sectarios, traz á memoria a horrivel usança dos spartanos, que quando tinham abundancia de ilotas, faziam-nos alvo, para as creanças se exercitarem na caça.

Ao passo que aventava estas idéas, proclamava a necessidade dos phalanstercos, que Saint-Simon apregooou n'este seculo.

Na sua *Republica* diz: Haverá guardiões que vigiem a lactação das creanças, levarão as mães aos berços, enquanto houverem leite, e cuidarão em que nenhuma conheça qual é o seu filho.

Aristoteles, o positivo Aristoteles, que fugiu constantemente do ideal platonico, increpa asperamente esta passagem da *Republica*, e alliando a poesia ao raciocinio, acaba dizendo que os homens tem dois grandes mobis de sollicitação e de amor, que são a propriedade e o affecto, os quaes não pódem subsistir com tal forma de governo.

Se em vez de considerarmos a egualdade e a liberdade, que o Evangelho define com tanto rigor, passarmos á fraternidade, vemos as mesmas antinomias.

Na sua obra intitulada *Hippias*, diz que o bello é o reflexo da verdade, a arte é o prazer, o qual é puro e elevado, por isso que está intimamente ligado ao verdadeiro, e só póde ser sentido pelos que reúnem a sciencia e a virtude.

Ora como a sciencia é apanagio de poucos, os quaes, segundo Platão, devem formar uma aristocracia, infere-se que á poucos tambem é licito gosar o prazer ideal, e que o commum tem de contentar-se com as baixas voluptuosidades, que geram o vicio e a crápula.

A elevação da alma, que é o fim unico da arte, inspira o amor e conduz á virtude, pertence a um numero restricto.

Este amor platonico, que os materialistas amesquinham, julgando-o demasiadamente espiritualista, é pois um esforço imbelles, um passo curtissimo para o amor illimitado do proximo, que constitue a caridade. (2)

O amor platonico é em verdade um caminhar para o Christianismo, é o primeiro bruxulear, muito frouxo e tenue, da confraternidade, que não conhece nem auctorisa differenças entre os homens.

Debalde, porém, procurareis n'elle a expressão do laço amavel, que liga todos os homens, e lhes dá o mesmo sentir.

O amor platonico é um sentimento aristocratico, e vem inquinado do espirito de seita ou casta, que predominou em toda a antiguidade.

A sciencia, patrimonio de poucos, é condição necessaria e fatal, para que o amor platonico possa existir.

D'este restringimento nasce a exclusão da maioria, e por isso no *banquete* de Platão, só apparecem os espiritos cultos, cujo atticismo lhes dava livre entrada e abria as portas.

O grande espirito, que havia de prégar e sel-

(2) A acceção vulgar de «amor platonico» é, como dissemos inteiramente falsa. A analyse rapida, que abi fica, da philosophia academica assim o demonstra, mas nas proprias obras de Platão encontramos muitas passagens, que evidenciam com toda a clareza, que o philosopho sentia e comprehendia o amor paixão, e a troca de affectos por impulso natural. Assim, por exemplo, em um dos seus epigrammas, apresenta esta bellissima imagem: «Quando tu consideras os astros, querido Aster, quizera ser o céo, para te ver com tantos olhos quantas são as estrellas.» N'outro epigramma diz: «Quando abracei Agathon, toda a minha alma me acudiu aos labios, prestes a voar.»

lar com o martyrio, o immenso principio do amor universal, veiu seculos depois, e de um jacto abriu os alicerces do edificio moderno sobre as ossadas da antiguidade.

Esse, e não Platão, foi o philosopho divino, o humilde nazareno, Jesus Christo.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

### ALGUMAS CURIOSIDADES HISTORICAS E OUTRAS ACERCA DO COMMERCIO

#### I

Il est difficile qu'un pays n'ait des choses superflues, mais c'est la nature du commerce de rendre les choses superflues utiles, et les utiles nécessaires.

Montesquieu. *De l'espr. des lois*. XX 2<sup>o</sup>.

Cette diversité des productions et des facultés productives est le lien qui unit les uns aux autres les habitants d'une même localité, la ville et la campagne, les provinces d'un même État, les différents peuples et jusqu'aux points du monde les plus éloignés.

M. Henri Richelot. *Dict. Gén. de la Pol. v. b. — Commerce*.

O que tão conceituosamente se disse a respeito do commercio da antiguidade, pó le sem grande hesitação applicar-se ao commercio da idade média, no que respeita ás limitadas proporções das trocas, e aos embarços mil que impediam o movimento commercial.

Admiravelmente foi resumido em uma só phrase o que póde dizer se do commercio da antiguidade; e essa phrase é a seguinte: *O commercio exercitava-se sobre objectos pouco numerosos, em um campo demasiadamente estreito, e por meios muito afastados da perfeição.* (1) E quem não dirá que este enunciado compendia o que succedeu na idade média?

Um chronista portuguez, Gomes Eannes de Azurara, põe na boca dos velhos e dos homens de são juízo do tempo de D. João I. (no acto de se congratularem pela celebração da paz entre Portugal e Castella), uns encarecimentos de enthusiasmo patriotico, que me parece conveniente recordar á geração de hoje, não só como expressão de nobres sentimentos de nacionalidade, senão tambem como medida das limitadas necessidades dos fins do seculo XIV, que não deixavam alargar as relações commerciaes.

— «Agora, diziam elles, he Portugal o mayor, e mais bemaventurado Reyno, que ha no mundo, cá nós temos entre nós todas cousas, que um reyno abastado deve ter. Nós temos grande avondança de *pão*, por tal guiza, que nunca a destemperança dos tempos póde ser tamanha, que sempre em alguma das nossas comarcas nam haja *pão*, com que se as outras possam reparar, e ainda quando os annos forem eguaes, da nossa avondança poderemos aproveitar a muitos dos nossos amigos. Temos muitos *vinhos* de diversas nações, de que nam somente a nossa terra he abastada, mas ainda se carregam muitas náos, e navios para soccorrimto das terras

(1) M. A. Leymarie.

Dois traços característicos distinguem o commercio antigo do moderno; no primeiro predominam a cabotagem, e as conducções por terra; no segundo, a navegação de longo curso, e os transportes maritimos. — M. Henri Richelot.

estranhas. *Pescados de mar e de rio*, são tantos, e taes, que em outras nenhuma partes do mundo sam achados, e em mayor avondança, cá de nossos portos se mantem muy grande parte da Espanha. *Azeite e melles* sam entre nós tantos, e tam boos, que os nossos vezinhos hao mistér de nós, e nam nós delles. *Carnes* de todas maneyras proveitosas, e de grande sabor, que nas nossas terras, e campos se criam per todos tempos do anno, quaes e quejandos as naturezas dos homens são e doentes ham mistér. *Fructas e legumes* com todas outras cousas, nascem em nossas terras sem grande trabalho dos homens. E assi avemos estas cousas em tamanha abastança, que a multidão dellas nos faz desprezar sua valia. Os nossos portos e ancorações sam tam seguros de todos tempos contrarios, que tarde, ou per grande ventura, recebem os navios nenhuns danos em elles, per que ajam rezam de se perder.» — (2)

Felizes tempos, debaixo de um certo ponto de vista! Tinham os portuguezes *pão*, *vinho*, *peixe*, *carne*, *azeite*, *mel*, *fructas* e *legumes*; e tanto bastava para que se dessem por contentes e felizes!

Ainda hoje devem considerar-se muito felizes os povos, que abundam n'aquelles naturaes meios de alimentação; mas, quanto não se augmentaram nos tempos modernos as necessidades dos homens, e paralellamente as facilidades de as satisfazer?

— Como observa Scherer, o chá, o café, o asucar, a batata, a manteiga, a cerveja, e os espiritos, eram desconhecidos dos antigos; — e são estes productos os que constituem mais de metade do commercio moderno! (3)

O commercio dos antigos estava circumscripto á extensão mais apoucada de territorio, — e o maritimo restringia se á bacia do Mediterraneo.

Conta se a idade média desde a queda do imperio do occidente até ao descobrimento da America: quer dizer, desde o fim do seculo V até ao fim do seculo XV.

Os tres primeiros seculos deste periodo foram testemunhas da barbaridade em que o mundo cahiu. Do seculo VIII em diante começa a apparecer a luz. No occidente, as republicas italianas, e depois as cidades neerlandezas e allemãs absorvem a industria commercial, quando esta se alevanta nos seculos IX e X. Pelo meado do seculo XIII entram em scena as cidades do Baltico. Lubeck é a primeira; associam se-lhe depois Hamburgo e Breme, e fórman a famosa Liga Anseática. — No oriente e no occidente brillam os arabes, desde o seculo VIII até ao seculo X, desenvolvendo-se pasmosamente o trabalho em todos os pontos onde elles dominavam.

O caracter do commercio na idade média, foi a associação — não entre particulares, mas sim entre os pequenos Estados, que se ligavam no intuito de monopolisar a navegação, e por meio desta o trafico estrangeiro.

A riqueza immovel estava nas mãos da nobreza e do clero; mas a riqueza movel estava nas mãos dos burguezes.

(2) *Chronica del Rey D. Joam I de boa memoria...*, terceira parte em que se contém a tomada de Cepta composta por Gomes Eannes de Azurara. 1614.

(3) *Histoire du commerce de tous les peuples*. Trad. de MM. H. Richelot et Ch. Vogel.

Citam-se duas aneddotas, que bem evidentemente mostram o quanto chegou a ser grande a riqueza movel, e o quanto de inveja fazia aos potentados da terra.

Uma rainha de Franca, ao presenciar o luxo que os mercadores de Bruges ostentavam, disse: *Eu julgava ser aqui a unica da minha condiçào, mas vejo que ha nesta cidade mais de seiscentas rainhas!*

Quando em Paris mostravam a Carlos V as joias da corõa, disse aquelle grande principe: *Eu conheço em Augsburgo um tecelão de panno de linho, que bem poderia comprar tudo isto!* (1)

— Prosequiremos nos apontamentos de algumas curiosidades historicas, e de outras ácêrca do commercio.

Aos sabedores pedimos desculpa de nos occuparmos de um assumpto, que elles mil vezes melhor do que nós poderiam tratar. Note-se, porém, que nos limitamos á tarefa modesta de recolher, e de proporcionar ao commum dos leitores, algumas noticias de util curiosidade neste particular.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

## POETAS E PROSADORES

(Continuado de pag. 133)

### II

Os poetas abundam n'esta revista litteraria, como em todas as que se fizerem em Portugal. O nosso paiz é d'uma pasmosa fecundidade de vales; a doçura do nosso clima, a serenidade das nossas paisagens, a melancolia do nosso luar, a irradiação ardente do nosso esplendido sol, favorecem o desabrochar da poesia como o desabrochar das flôres. Por mais humildes que estas sejam, por mais descultivadas que brotem, ou entre os valledos silvestres, ou entre o relvado viçoso que a primavera tapiza de malmequeres e de margaritas, sempre a leiva fecunda, sempre os reflexos benéficos do nosso magnifico céu lhes emprestam fragrança, ou as pintam de côres brilhantes. Assim tambem os nossos poetas, apesar de todos os seus defeitos, sempre lá vão encontrar mais ou menos nas cordas da lyra, que os seus dedos incertos fazem vibrar, uma nota melancolica ou saudosa, echo sentido das vagas melodias do coração.

Dêmos o primeiro logar entre os poetas a Thomaz Ribeiro, como dêmos o primeiro logar entre os prosadores a Camillo Castello-Branco. É o direito incontestado da realza.

A casa Moré do Porto editou, com o titulo de *Sons que passam*, a collecção das poesias soltas de Thomaz Ribeiro. Não me alargarei na sua analyse, porque lhe consagrei no *Diario Popular* um artigo especial. Muitas das poesias que compõem o volume são já conhecidas do publico que as applaudio com entusiasmo, ou no theatro onde foram recitadas pela actriz Emilia Adelaide A *Judia*, pelo actor Tasso as *Novas Conquistas*, por José Carlos dos Santos a *Festa e a caridade*, por

(1) Veja o desenvolvimento destes rapidos enunciados no bello artigo de M. A. Leymarie do *Dictionnaire universel théorique et pratique du Commerce et de la Navigation*. 1852 vb. *Commerce*.

Cesar de Lima os *Cégos*, ou nas salas onde a voz sonora e flexivel do poeta dava ainda um realce maior ás admiraveis producções da sua phantasia.

Outras são inéditas, e entre ellas distingue-se por uma simplicidade sublime, por um encanto inexcédível, por um dom de commoção a que raras vezes os poetas attingem, a que se intitula *Lagrimas*, e que fórma só por si a terceira parte do volume. É consagrada á morte de sua mãe, e a introducção pôde dar uma idéa d'essa magnifica singeleza:

O' minha mãe sem ventura!...  
minha mãe!... ó mãe querida!  
abre a tua sepultura!

Aqui tens a minha vida!  
vida inutil a seu dono;  
acceita-a mãe! volta á vida!

Antes eu durma o teu somno!  
Sem ti, que ha de ser, agora,  
n'estas fadigas do outomno!

E em casa o que vai, senhora!  
meu pae, olha... escuta... espera!  
meu irmão, soluça e chora!...

O' minha mãe, quem pôdera  
fazer que voltasse a vida  
como volta a primavera!  
minha mãe!... oh! mãe querida!

Desatae-vos! correi ó minhas lagrimas!  
Flôres! velae-lhe o derradeiro somno!  
Passae de leve sobre a campã gelida,  
aragens frias do ceifeiro outomno!

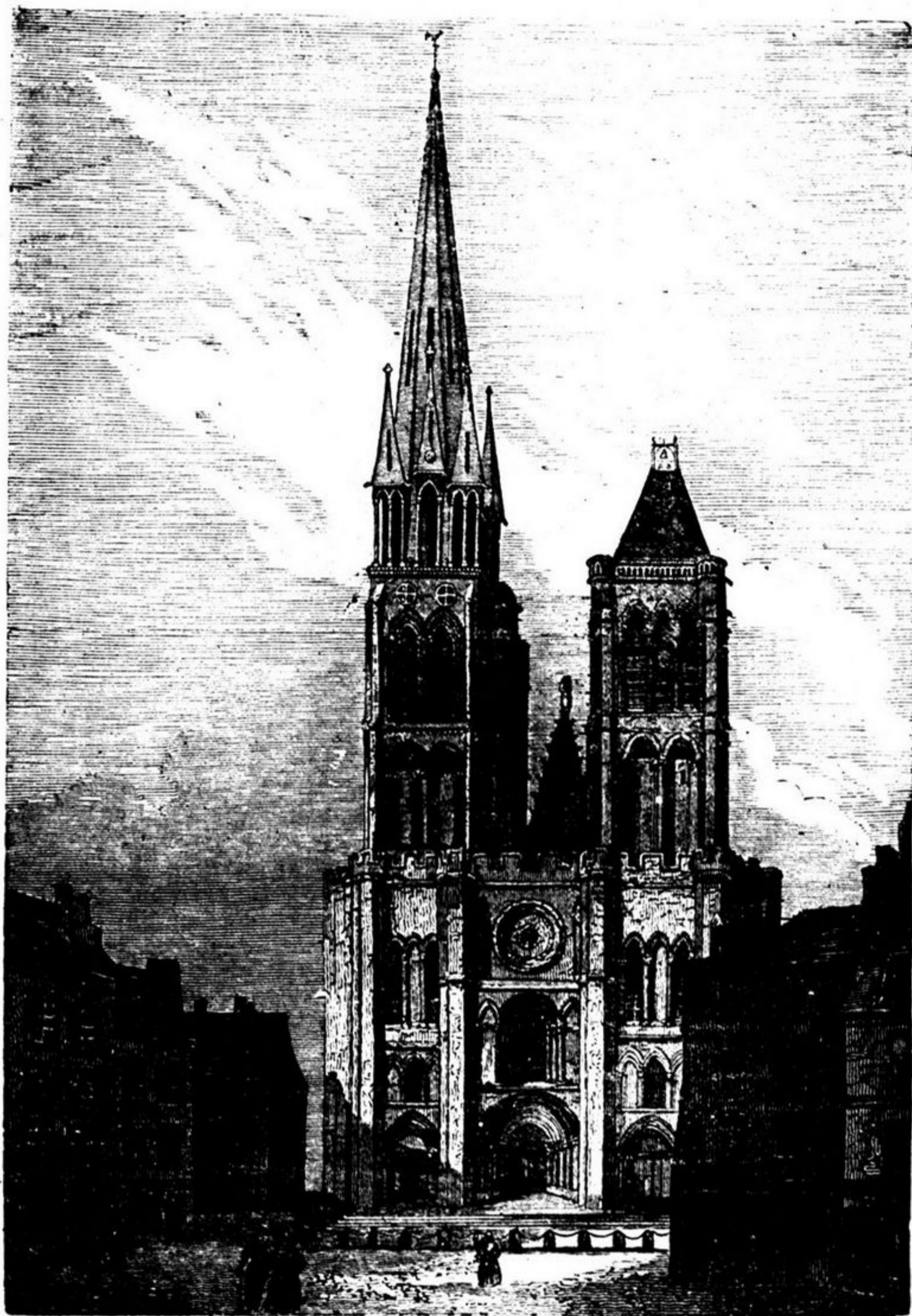
As outras duas partes intitulam-se uma *Corõa de espinhos*, e compõe-se de poesias religiosas, onde ha verdadeira inspiração, posto que o poeta nem sempre n'ellas attingisse á valentia de phrase que habitualmente o caracteriza. A outra intitula-se *Rosas pallidas*, e encerra flores opulentissimas de colorido e de viço, e algumas tambem incontestavelmente um pouco mais desbotadas.

Tambem foi a casa Moré do Porto a editora da 3.<sup>a</sup> edição do *D. Jayme!* 3.<sup>a</sup> edição d'um livro de versos no espaço de cinco annos, sem contar as edições contrafeitas do Brazil! É talvez um phenomeno unico da nossa historia litteraria, e prova que o *D. Jayme* tinha verdadeiro merito, porque resistio não só aos ataques virulentos da critica, mas tambem á reacção da indifferença que se devia manifestar no publico, depois de ter corrido com ancia a esgotar a primeira edição, levado da curiosidade, promovida pela accessã lucra que emtorno d'esse poema se travou.

Esta 3.<sup>a</sup> edição é copia fiel da 2.<sup>a</sup>, e contem apenas, segundo creio, algumas correções de forma. O auctor dedicou-a ao seu amigo o sr. João da Costa Brandão e Albuquerque. Pelo lado typographico é que se lhe devem fazer elogios, porque das tres edições é esta incontestavelmente a mais elegante e a mais commoda.

(Continua)

M. PINHEIRO CHAGAS.



Egreja de Saint-Denis

A basilica de S. Denis, em França, é, sem dúvida, a igreja de mais remota origem. A sua fundação data da época da introdução do christianismo em França.

No anno 240 da nossa era, partio S. Denis de Roma, onde reinava o imperador Decius, e foi á Galia disseminar a luz do evangelho. O resultado das suas prêdicas grangeou-lhe o nome de apóstolo das Galias, mas valeu-lhe tambem a perseguição.

A sua missão foi coroada com o martyrio: cortaram-lhe a cabeça e a seus companheiros S. Rustico e Santo Elcutherio. São concordes geralmente em designar como lugar do supplicio a collina de Montmartre, que se pretende ter tirado o nome de *Mons-Martyrum*. Mas outros ety-

mologistas affirmam ser derivado de *Mons-Martis*, e com effeito existio n'aquelle sitio um templo dedicado á Marco.

S. Denis, dizem os legendarios, logo que lhe deceparam a cabeça, tomou-a nas mãos, e com passo grave, andou mais de uma legua, acompanhado de anjos que o cercavam cantando uns o *Gloria tibi, domine* e respondendo outros, tres vezes, *alleluia*. E chegando ao local aonde está agora a sua igreja parou, depoz a cabeça a seus pés e expirou. Repetimos: isto é o que nos refere por tradicção a legenda.

Uma senhora gauleza, ou romana, chamada Catulla, christã nova, conseguiu, embriagando os guardas, subtrahir os corpos dos santos martyres, e sepultou-os no terreno que possuia no lo-

gar então chamado *Catolacum*, onde está hoje erecta a igreja de S. Denis.

No anno de 515, tendo cessado a perseguição, Catulla fez erigir um mausuléo, e algum tempo depois os gallos convertidos, querendo honrar com um culto particular aquelle que os tinha guiado para o caminho da salvação, edificaram no local d'este monumento um oratorio que denominaram a capella dos Tres Martyres.

Em 496, Santa Genoveva, ajudada do santo padre Genès e das esmolas dos parisienses, reedificou aquella capella sob um plano mais vasto. Pouco a pouco esta fundação foi augmentando, e no seculo XI era já uma abbadia florescente habitada por monges da ordem de S. Bento.

Em 580, o rei Chilperic tendo perdido seu filho Dagoberto fez-o transportar á igreja de S. Denis, onde foi sepultado.

Este berço da fé de nossos avós foi o objecto constante do culto especial e das liberalidades dos reis.

Dagoberto passa geralmente por ter sido o fundador da igreja e abbadia de S. Denis. Todavia consta que elle só fez restaurar a igreja em 629, e cumulou de bens os monges que ali viviam. Este principe ordenou no seu testamento de ser enterrado na basilica, que tão generosamente havia dotado, e foi o primeiro rei que ali teve sepultura.

No seguinte numero concluiremos a descripção d'este magnifico monumento.

## PHILOLOGIA

### QUESTÕES SYNONYMICAS

OPINIAO DE E. BARRAULT 1.

Substantivos formados de radicaes de verbos e de terminações significativas

#### TERMINAÇÃO EM *or*

*Derivação.* — A desinencia *or*, junta á radical de verbos, ás mais das vezes, intransitivos e pertencentes á primeira e segunda conjugações, serve de formar um grande numero de substantivos quasi todos masculinos: *amor*, *clamor*, *fervor*, *temor*, *fulgor*, etc.; de *amar*, *clamar*, *ferver*, *temer*, *fulgir*, etc.

Certos substantivos em *or* não derivam de verbos conhecidos, pelo contrario são elles que servem de radicaes de verbos: *cor*, *favor*, *labor*, etc., dos quaes se formam: *corar*, *favorecer*, *laborar*, etc.

*Significação.* — Antes de apresentarmos sob forma de regra o valor d'esta desinencia, difficil de determinar, vamos analysal-a e descrevel-a. A idéa que estes substantivos exprimem é uma idéa mixta, composta de dois elementos principaes.

Com effeito, representam elles, em primeiro lugar, uma qualidade como existindo independentemente das outras qualidades, com as quaes ella se acha na realidade reunida em um sujeito, isto é, uma qualidade considerada separada.

(1) *Traité des Synonymes de la langue latine.* Pareceu-nos util a versão de alguns trechos d'esta obra, que em 1853 obteve o premio de linguistica, pela incontestável analogia que a nossa lingua tem com a latina da qual é filha.

mente, particularisada, sem todavia ser independente d'esse sujeito e subsistente em si — «*calor* do sol, *dor* de cabeça» — Póde-se, além d'isto, observar que elles representam esta qualidade como manifestando-se de ordinario exteriormente, extrinsecamente em relação ao sujeito — «*pallor* do rosto, *fulgor* do sol» — Assim, a qualidade abstracta que de ordinario se manifesta exteriormente ao sujeito, é o primeiro elemento de que se compõe a sua significação.

Em segundo lugar, têm a um gráo mais ou menos notado todos os caracteres do verbo de que são formados.

1.º Se não é precisamente a acção que elles exprimem, é pelo menos a consequencia, o resultado da acção, o effeito ou o estado produzido pela acção: *clamor*, é o resultado de *clamar*; *suor*, de *suar*, etc.

2.º Assim como o verbo quando exprime a acção, suggere a idéa de um sujeito que actua, e de um objecto sobre o qual se dirige directa ou indirectamente o effeito da acção, assim o substantivo em *or*, que exprime como acabamos de dizer, uma acção ou antes um resultado de acção; está em relação com um sujeito e com um objecto. Se dissermos, por exemplo: «*O homem religioso teme a Deus*» *homem religioso* é o sujeito que teme, e *Deus* o objecto da acção exercida pelo verbo *teme*. Similhantermente, o substantivo *temor* póde ser empregado com este duplo sentido: *temor do homem religioso* será o estado do homem que teme, e *temor de Deus* a acção de temer tendo por objecto Deus. (1) Até se póde estabelecer como regra que a idéa d'acção contida nos substantivos em *or* geralmente recae sobre um objecto, e isto de uma maneira mais ou menos manifesta. E' por esta razão que as qualidades da materia que mais directamente estão em relação com os nossos sentidos, são pela maior parte exprimidos por nomes em *or*: *cor*, *esplendor*, *fulgor*, etc., designam qualidades de certos corpos que exteriormente se manifestam e fazem impressão á vista; *sabor*, *amargor*, etc., são qualidades de objectos que causam impressão ao gosto; *odor*, *olor*, etc., sobre o olphato; *calor*, *ardor*, etc., sobre o tacto. Numa outra ordem de idéas, *louvor*, de *louvar*, implica igualmente a idéa de um sujeito que pratica a acção de louvar, a pessoa que louva com relação ao objecto d'esta acção, a pessoa que é louvada. Estes substantivos são pois ordinariamente activos e relativos a um certo effeito que elles produzem.

3.º Um outro caracter verbal póde ainda ser assignalado nestes substantivos, é a qualidade que elles exprimem, estado ou resultado de acção, ali representada como actual e temporaria, ali actualisada. É principalmente por isso que elles differem dos substantivos terminados em *ade*, os quaes exprimem uma qualidade inherente ao sujeito e permanente. *Furor* é um estado, uma manifestação de certos sentimentos cujos effeitos vimos; mas que póde não durar senão um instante, e que em todos os casos, não é a condição normal do sujeito. *Calor* é certo estado

(1) Os grammaticos que consideram este caso sob um outro ponto de vista, dizem que no 1.º caso é o substantivo tomado activamente, e no 2.º passivamente. É a mesma coisa n'outros termos, pois que o sujeito do verbo passivo não é senão o regimen do verbo activo (Burn. ; *Meth. pour étudier la lang. lat.*, § 321).

de um corpo, que se manifesta affectando os nossos sentidos, mas que é também mais ou menos temporario.

Da analyse que acaba de ser feita, resulta que os nomes em *or* exprimem um estado ou o resultado de uma acção; que este estado as mais das vezes é extrinseco, activo, e em relação com um objecto; que é sempre actual e temporario; que é além disto, considerado relativamente ao seu sujeito como uma qualidade particularisada e por conseguinte até um certo gráo abstracta. (2)

*Synonomia.* — Se tratarmos de apresentar uma qualidade como um ser ideal, isto é, como complemento destacado do sujeito, em uma palavra como uma abstracção pura, ou pelo menos como subsistindo n'um sujeito vago e indeterminado, emprega-se então o adjectivo substantivamente, no singular ou no plural, como o fazemos algumas vezes, v. g.: o bello, o verdadeiro, os tristes, etc., e neste caso, apresenta o adjectivo a qualidade como abstracção absoluta, em quanto que o substantivo em *or* não a apresenta senão como uma abstracção relativa. O adjectivo exprime alguma coisa de completo, de duravel, de passivo; o substantivo, alguma coisa de incompleto, de passageiro e de activo. Assim Ovidio (3) falando dos diversos principios que serviram á creação do mundo, e que não são ainda as propriedades de corpos particulares, mas que todavia existem confundidos, num objecto vago e indeterminado, chamado o chaos, exprime-se assim:

«.....Corpore in uno  
•Frigida pugnabant calidis, humentia siccis,  
•Mollia cum duris, sine pondere habentia pondus.»

o frio, o quente, o humido, o secco, o mole, o duro, etc., antes exprimem objectos no ponto de vista abstracto, que simples qualidades, as quaes se deveriam substituir por *frio*, (subs) *calor*, *humor*, etc., se os quizessemos representar como pertencendo a objectos determinados.

ANTONIO MARIA D'ALMEIDA NETTO.

## NICOLÃO MACHIAVEL

### Estudo litterario, moral e politico

Questo è il gran segretario fiorentino Niccolò Machiavelli, un uomo dei più grandi che l'Italia, tanto frae di sublimi ingegni, abbia mai prodotti.

PIGNOTTI.

(Continuação de pag. 62)

## VII

Vamos começar a noticia de uma das obras capitães de Machiavel — a *Historia de Florença*.

— A *Historia de Florença* (1) chega até á morte de Lourenço, o Magnifico; é considerada como um excellente modelo, no tocante á valentia do estylo, e ao avisado das reflexões; e faz recordar um tanto a *maneira* de dois grandes historiadores da antiguidade, Tacito e Sallustio.

Foi Machiavel o primeiro que deu o exemplo

(2) Vid. Lafaye, *Traité des synonymes français*, pag. 460 e seguintes.

(3) Ovid., *Met.*, I, 13.

(1) *Historie Fiorentine*.

É dividida a obra em 8 livros, e dedicada ao Papa Clemente VII.

de apresentar um apparato historico dos acontecimentos anteriores á época da historia especial, traçando um quadro dos factos succedidos até á queda do Imperio Romano; e dest'arte fez elle preceder a historia particular de Florença — de um resumo substancial da historia geral da humanidade, desde a invasão dos Barbaros, como sendo o preliminar do seu trabalho privativo.

A historia especial de Florença tornava-se uma tarefa de summa difficuldade, em consequencia das multiplicadas, incessantes, e multimodas divisões, de que a Republica foi o desgraçado theatro. Não podia escapar esta ponderação a Machiavel; e mui claramente no-la deixa antever: — «Ma di Firenze in prima si divisono infra loro i nobili; dipoi i nobili & il popolo; & in ultimo il popolo & la plebe; & molte volte accorse che una di queste parti rimasa superiore si divide in due.» — Como se dissesse: *Em Florença, dividem-se primeiramente os nobres entre si; depois os nobres e o povo; por fim, o povo e a plebe; e por vezes succedeu que o partido vencedor se dividiu em dois partidos.*

Mas esta circumstancia não o desanimou, antes lhe deu maior alento para pintar essas dissensões e discordias, e as acções de tantos compatriotas seus illustres, tirando d'ellas um argumento convincente da indispensabilidade de um bom governo, proprio para aproveitar os admiraveis elementos que a sua patria continha.

Machiavel teve o bom juizo de não se occupar senão dos acontecimentos importantes, dando de mão, como elle proprio diz, a pequeninas guerras de soldados sem valor, e de capitães mercenarios — *di soldati senza valore, e di capitani mercenari* — que de modo algum podiam merecer a attenção, de um historiador sizo e grave.

Quizeramos, porém, vê-lo menos laconico, e particularmente menos impassivel, do que em verdade se apresenta por vezes. Entristece profundamente o modo porque refere as maiores atrocidades, os mais negros crimes; nem uma expressão que revele sensibilidade, compaixão, ternura; nem uma só observação que dê indício de desapprovação, de censura.

Quando na *Historia de Florença* dá conta, da feroz e sanguinaria matança dos Francezes, que a posteridade assignalou com o nome de *Vesperas Sicilianas*, eis como se exprime Machiavel:

— «Foi neste tempo (1282) que se effectuou a combinação que havia sido feita entre Nicoláo III e Pedro, Rei de Aragão. Os Sicilianos assassinaram todos os Francezes que estavam na sua Ilha, da qual este Principe se assenhoreou, dizendo que lhe pertencia, por sua mulher Constança, filha de Manfredo.

*In questo tempo si mandò ad effetto la pratica mossa da Papa Niccolò con Piero Re di Aragona mediante la quale i Siciliani ammazzarono tutti i, Franciosi che si trovarono in quella Isola, della quale Piero si fece Signore, dicendo appartene nersigle per aver per moglie Costanza figliuola di Manfredi.*

E al não disse! . . .

E com tudo, fosse qual fosse a indignação de um ardente patriota italiano contra estrangeiros insolentes, é certo que um crime tão atroz, e de tão exacranda recordação, devia inspirar-lhe horror, por pouco que escutasse o coração.

Verdade seja que também o Dante, quando allude ás *Vesperas Sicilianas*, não mostra mais sen-

sibilidade e indignação do que Machiavel, n'este energico e conceituoso lerecto:

*Si mala signoria, che sempre accuora  
Li populi soggetti, non avesse  
Mosso Palermo a gridar: mora, mora. (2)*

Não podemos deixar de memorar outra passagem da *Historia de Florença*, que tambem justifica a nossa estranheza, n'este particular.

Machiavel narra a prisão de Bonifacio VIII em Anagni, mandada fazer traicoeiramente por Filipe, o Bello; e n'esta occasião emprega estas frias e geladas palavras: — «*E considerando Filippo come nella guerra aperta contra à i Pontifici, ò è si rimanera perdente, ò è vi si correrà assai pericoli, si volsi agli inganni: & simulato di voler fare accordo con il Papa, mandò Sciarra in Italia secretamente, il quale arrivato in Anagnia, dove era il Papa, convocate di notte suoi amici lo prese: Et ben che poco dipoi dal popolo di Anagnia fusse liberato, nondimco per il dolore di quella cattura rabbioso morì.*» — O que, em linguagem, tanto quer dizer como: — E considerando Filipe que em guerra aberta contra os Pontifices, ou ficava perdido, ou corria grandes perigos, recorreu ao engano: e, fingindo querer celebrar um accordo com o Papa, mandou em segredo á Italia Sciarra (Calonna), o qual, convocando de noite os seus amigos, o fez prisioneiro: e se bem que pouco depois o povo de Anagni libertou o Pontifice, é com tudo certo que este morreu de desgosto por causa d'aquella captura, e morreu enraivecido.

Que Machiavel não referisse que a casa do Papa foi invadida pela soldadesca, saqueados os seus thesouros, calcados aos pés os ornatos sagrados: que não referisse o ter estado o Vigario de Christo com sentinellas á vista, e exposto aos insultos como se fosse um malfetor; que não referisse outras circumstancias mais... dou eu muito de barato. Mas que não lhe acudisse ao bico da penna uma só palavra de admiracão para com o Pontifice, que n'esta occasião foi sublime de dignidade e de coragem, fazendo esquecer o seu character ambicioso, enredador, e por vezes violento... eis o que não pôde ser perdoado a Machiavel, — nem tão pouco, que deixasse de stigmatizar a infamia dos perpetradores do negro ultrage, com uma d'essas palavras de fogo, que de vez em quando empregava Tacito, e que elle proprio Machiavel era capaz de empregar.

Inimigo encarnicado de Bonifacio VIII era o Dante, e com tudo, veja-se a nobre indignação com que refere no seu immortal poema o crime de Anagni:

*Veggio in Alagna entrar lo fiordaliso,  
E nel Vicario suo Christo asser cato.  
Veggiolo un'altra volta esser deriso:  
Veggio rinnovellar l'aceto e l'fele.  
etc.*

É porque em verdade excita compaixão um velho de oitenta e seis annos, preso, insultado, e ultrajado brutalmente pela soldadesca, e ferido na cara, se a historia não mente, com uma manopla de ferro! — É porque excita admiracão esse velho, revestido com as vestes de Pontifice, com a tiara na cabeça, com a cruz nas mãos,

(2) *Paradiso*. C. VIII.

«Se a ruim dominação, que sempre subleva os povos, não tivesse excitado Palermo a gritar: Morra! Morra!»

conservar-se por espaço de tres dias na cadeira, sem tomar alimento, sem soltar o menor queixume, sem fazer o mais leve movimento! O infeliz octogenario fez um esforço sobrehumano, que não tardou em cortar-lhe o fio da existencia! Fei preso no dia 7 de Setembro de 1303, e no dia 11 de Outubro desse anno expirava em Roma, acommettido de convulsões que o tornavam furioso! — Esta ultima circumstancia não escapou a Machiavel, pois disse: *rabbioso mori*; alludindo por ventura á miseravel prophacia, segundo a qual subiria Bonifacio ao throno pontificio com a manha da raposa, reinaria como um leão, e morreria como um cão damnado...

— No artigo immediato voltaremos á apreciação da *Historia de Florença*.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

## VISÃO

Eu vi-te de brancas vestes  
linda a meus olhos passar,  
como esses anjos celestes  
de phantastico sonhar.

Tu vaes á festa brilhante,  
vaes ao tumulto das salas,  
onde tudo é deslumbrante  
de brilho, pompas e galas.

Da dansa vertiginosa  
vaes lançar-te ao turbilhão,  
e ouvir a voz mentirosa  
d'essa alegre multidão:

escutar o galanteio  
dos banaes adoradores,  
e acolher talvez no seio  
seus fementidos amores.

Vaes ligeira, descuidada,  
qual mariposa correr,  
bella, feliz, animada  
de doidejante prazer.

Vae, e gosa! O céu permitta  
que longo tempo sorria  
o prazer que ora se agita  
no teu seio! Mas se um dia

no meio de tantas galas  
te pedir o coração,  
entre os enganos das salas,  
o goso d'uma afleição:

desvia um pouco os olhares  
do tumulto do festim,  
e, se de mim te lembrares,  
torna a fital-os em mim.

Coimbra

A. X. DE SOUSA CORDEIRO.

## TU CHORAS?

Tu choras, minha flor? Ai se soubesses  
quão penoso me é ver-te chorar;  
se eu tivesse algum balsamo divino  
que fosse as tuas magoas mitigar!

Tu choras? mas a flor a cujas petalas  
tanto brilho e matiz Deus concedeu,  
nunca deve no hastil pender-se triste  
mas sorrir-se animada á luz do céu.

Tu choras? mas que importa? Eu tenho esperança  
que em breve has de sorrir, ó flor gentil;  
os orvalhos precedem muitas vezes  
as risouhas manhãs do meigo abril.

Coimbra.

A. X. DE SOUSA CORDEIRO.